

Deu Saída O Paisandú Para o Tetra-Campeonato

Dizimado, Ontem, na Antonio Baena, o Esquadrão do Clube do Remo!
O Maior Escorço na História do Clássico: 7x0 - Como Decorreu a Póleja



Antônio Baena, Paulo, Estevão e José, a "quadrilha" do "Clube do Remo" competindo no 1.º "Clássico" de remo.

Com o fim da competição, o "Clube do Remo" ficou com o maior escorço na história do clássico, com 7x0. O vencedor foi o "Clube do Remo" com 7 pontos, enquanto o "Clube do Remo" ficou com 0 pontos. A competição foi realizada no dia 25 de maio, na Antonio Baena, com a participação de 16 equipes. O "Clube do Remo" venceu a competição com 7 pontos, enquanto o "Clube do Remo" ficou com 0 pontos. A competição foi realizada no dia 25 de maio, na Antonio Baena, com a participação de 16 equipes.

REMO

PAISANDÚ

7x0

Movimento técnico do Campeonato

A partida de ontem marcou o fim do campeonato de remo. O vencedor foi o "Clube do Remo" com 7 pontos, enquanto o "Clube do Remo" ficou com 0 pontos. A competição foi realizada no dia 25 de maio, na Antonio Baena, com a participação de 16 equipes.

- CLASSIFICAÇÃO GERAL**
1. - "Clube do Remo" - 7 pontos
 2. - "Clube do Remo" - 6 pontos
 3. - "Clube do Remo" - 5 pontos
 4. - "Clube do Remo" - 4 pontos
 5. - "Clube do Remo" - 3 pontos
 6. - "Clube do Remo" - 2 pontos
 7. - "Clube do Remo" - 1 ponto
 8. - "Clube do Remo" - 0 pontos

Na Serie Menor, Auto e União Empataram
Reação dos Auri-Verdes: Nos Minutos Finais - 3x3 o Resultado

A Vanguarda

Para Julgamento dos Criminosos de Guerra
O Tribunal Será Instalado Na Cidade De Nuremberg

LONDRES, 23 (A. P.) — O juiz da Corte Suprema, Robert Jackson, americano, e os representantes britânicos e franceses chegaram para Nuremberg, cidade de suspeita, a cidade onde deverá ser instalado o tribunal que julgará os criminosos de guerra.

A HISTÓRIA DOS 7x0



Movimento técnico e ontem

ENFRAQUECIMENTO DO ARBITRADO NA PRIMEIRA RODADA

JB FERREIRA DA COSTA

A História dos 7x0

1ª edição / 1977

JB Ferreira da Costa

Produção do ebook:

Erick Almeida (digitalização)

Pedro Loureiro de Bragança (diagramação/revisão)

Ricardo Gluck Paul (coordenação)

2015

Distribuição gratuita - Este material não pode ser vendido



Um presente do

Paysandu Sport Club

para sua apaixonada torcida!



FERREIRA DA COSTA (crédito: Fernando Araújo/ORM News)

7 a 0 para todas as gerações

Nas décadas de 60 e 70 do século XX muito se comentava sobre uma partida travada entre Remo e Paysandu, que teria se encerrado com o placar de 7 a 0 a favor do time listrado da Curuzu. Todavia, mais parecia que tal partida jamais havia acontecido, que tudo não passava de ficção, de uma lorota.

Eu, que havia me iniciado no jornalismo pela crônica esportiva, fiquei curioso e resolvi ir pesquisar, para resgatar a verdade, verdadeira. Nos arquivos da Biblioteca Pública, àquela época funcionando à Travessa Campos Sales, esquina da Rua 13 de Maio, recorri aos jornais de 1945 e lá estavam, como até hoje se encontram, os registros da partida PAYSANDU 7 x 0 REMO, disputada em um domingo, na data de 22 de julho de 1945, no campo da Travessa Antônio Baena, de propriedade do Clube do Remo. Jogo válido pelo Campeonato Paraense de Futebol da Primeira Divisão, já no regime de Profissionais.

Levantei os dados, copiando tudo o que se relacionava ao jogo dos jornais “A VANGUARDA”, “FOLHA VESPERTINA” e “O ESTADO DO PARÁ”. Após isso, saí coletando depoimentos de personagens ligados à história, como o jornalista Imar Nunes, jornalista Edyr Proença, jornalista Moacir Calandrini, Arnaldo Moraes Filho, José Otávio Simões Seixas, Cândido Marinho da Rocha, Alcides Gentil Sobrinho, Raimundo Martins de Souza (“Biriba”), do ex-jogador Quarenta, de Jorge Faciola de Souza, de Vicente, ex-jogador do Clube do Remo, de Jeju, ex-jogador do Paysandu e do Remo, e do torcedor Raimundo Ferreira dos Santos.

Entrevistei também o goleiro Palmério (Paysandu); o zagueiro azulino Izan, em São Paulo; o zagueiro Athenágoras (Paysandu); o volante Mariano (Paysandu); Manuel Pedro (Paysandu); o ponteiro-direito Arleto Guedes; o atacante Hélio, maior goleador do Re-Pa em todos os tempos, com 47 gols; o meia-esquerda Guimarães, O Cerebra, em Brasília; o ponteiro-esquerdo Soia (Paysandu), autor de três gols.

O prefácio do Livro foi de autoria do jornalista Moacir Calandrini.

Formatei um pequeno livro, com 87 páginas, impresso na gráfica Santo Antônio, do abnegado bicolor Léo Cunha, lançado na data sugestiva de 7.7.1977, na sede do Paysandu Sport Club, que recebeu um grande número de desportistas.

Passados 38 anos, eis que a história do jogo dos 7 a 0 completa 70 anos na data de 22.07.2015 e o Paysandu, através de sua diretoria de marketing, me convoca para a efetivação de projeto para reeditar o livro, mas agora através dos recursos mais avançados da era da internet, digitalizando-se a obra, que se tornou uma relíquia e que raras pessoas a dispõem na sua edição impressa original, datada de 1977.

O projeto permite que as pessoas que não tiveram acesso à edição original de 1977, agora possam tomar conhecimento, baixando arquivos via computador e que também as futuras gerações de torcedores tenham a oportunidade de conferir a história do clássico Re-Pa de 1945, que entrou para a memória do nosso futebol, atravessando os tempos e para que não se perca de vista.

A obra está digitalizada como foi impressa em 1977, sem tirar ou por uma vírgula, um parágrafo, sem que nada tenha sido acrescentado.

Que todos aqueles que a consultarem dela tirem bom proveito.

Belém, 13 de julho de 2015

Ferreira da Costa
Jornalista, pesquisador e historiador

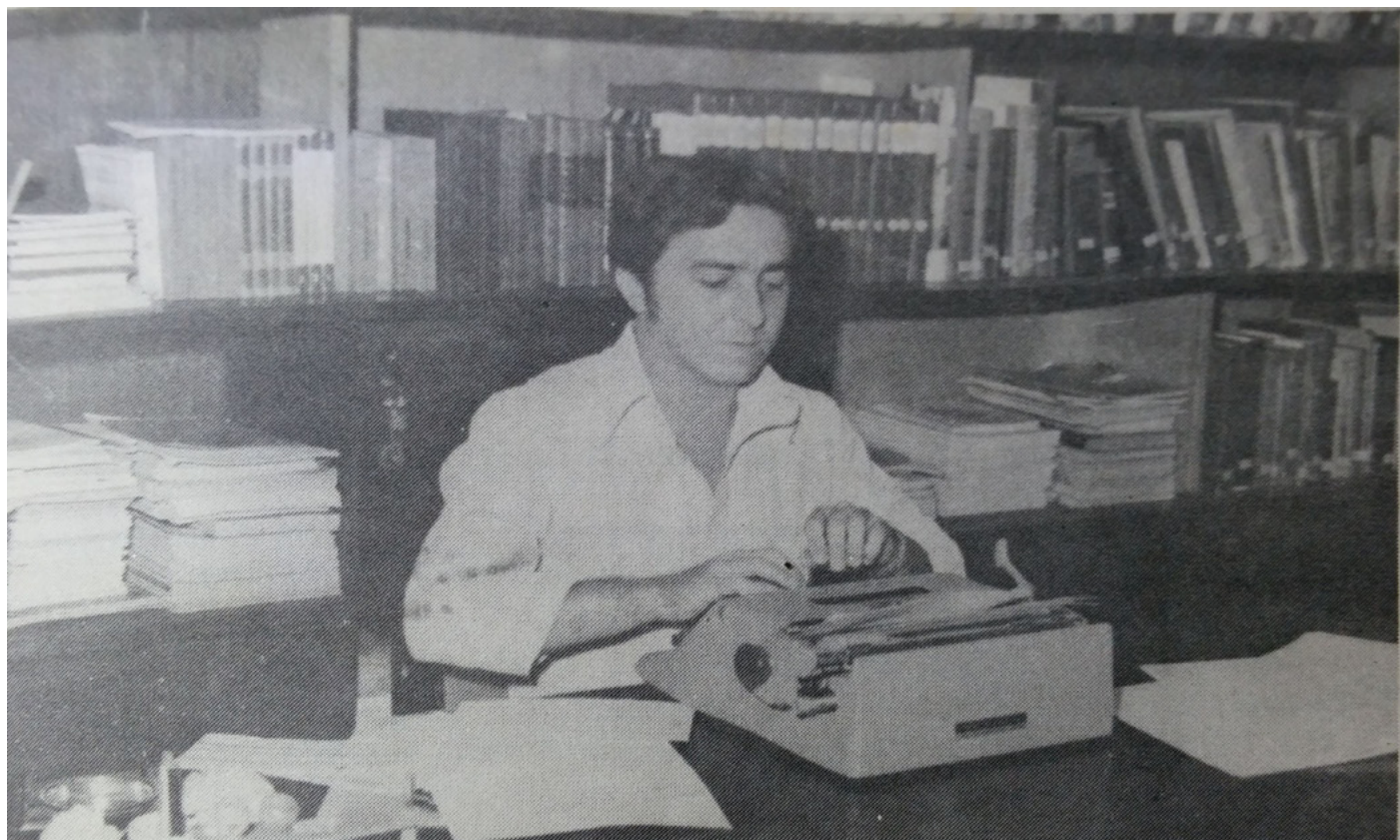


MESTRE CALÁ

Prefácio

Pede-me o Ferreira da Costa – que é um cara virado, pesquisador, que andou de seca a meca prá ouvir a palavra viva e bem auditiva dos heróis, que fale sobre os sete. Sim, os sete a zero do Papão sobre o Leão, neste 77.

O sete, sabeis, é tido como um número especial, cabalístico, que causa grandes alegrias (como causou aos bicolores do Paissandu naquela tarde memorável de 22 de julho de 1945) como pode ser também fatídico, azarado para outros (como o foi naquela tarde para os remistas, que até hoje tem tal placar atravessado na garganta ao ponto de tentarem amenizar as coisas, arranjando a forra num joguinho entre segundos times, nos tempos de Dom Miguel Charuto, quando a bola era quadrada). Mas, para falar nos Sete do Papão, a gente lembra que o sete é um número especial. Por exemplo, sete dias depois de haver criado o mundo, DEUS descansou. Já para quem morre, o destino são sete palmos de terra e missa de 7o dia. E em quase todos os rituais, seja qual religião for, o sete é um número sensacional. Daí, porquê, dizem, que o gato tem sete fôlegos; a gente pinta o SETE; quando se quer guardar um segredo a SETE chaves e quando um cara é virado é o homem dos SETE instrumentos. Os macumbeiros usam o Sete prá tudo. Encruzilhadas, Exús, Giras, etc. Vai daí que os bicolores mandaram aquela brasa e enfiaram SETE bolinhas no seu mais tradicional e ferrenho adversário, em jogo que é anualmente recordado com festas. Sim, SETE a ZERO desde aí ficou sendo quase que um placar exclusivo. Justo, portanto, que o Da Costa que é Ferreira, fale dele agora, com todas as minúcias e detalhes.



JB. FERREIRA DA COSTA

Nota do Autor

Após intensas pesquisas, apresento ao público esportivo paraense A HISTORIA 7x0. Não se trata de literatura. Uma obra popular, que tem a pretensão de esclarecer, dentro da realidade dos fatos e sem invenções e distorções, como foi possível o Paissandu chegar aos sete tentos a zero contra seu grande adversário de todas as jornadas no esporte do Pará.

Pretendemos relembrar aos desportistas da velha guarda os fatos que antecederam ao jogo de bola que acusa o maior placar da longa história de mais de 60 anos de futebol entre Paissandu e Remo. Objetivamos também fazer chegar ao conhecimento da nova geração de torcedores do Pará, através do depoimento vivo dos remanescentes daquela partida, tudo o que se relacionou com o famoso encontro, realizado a 22 de julho de 1.945.

Diante da indiferença de alguns, o desestímulo de poucos, e, em contra-partida, o incentivo da maior parte dos consultados, resolvi tornar realidade A HISTÓRIA DOS 7x0, a primeira obra que se edita, destinada a explicar a todos as causas que culminaram com o placar de 7x0 a favor do Paissandu, contra o Remo.

Comecei a pesquisa e os arquivos da Biblioteca Pública do Estado muito me ajudaram. Depois, a procura de um por um dos remanescentes dos 7x0.

Não foi fácil localizá-los. Dos doze heróis – incluindo-se o treinador Floriano Rodrigues Gonçalves – três são falecidos: o médio-esquerdo Nascimento, o avançado Farias e o próprio treinador. Dos restantes, encontrei em Belém, Palmério, Athenágoras, Mariano, Manuel Pedro e

Arleto. Na Cidade da Vigia, localizei Soiá. Em Brasília, Guimarães. Em São Paulo, Izan. De Macapá, Hélio mandou seu depoimento escrito.

Todos eles procuraram na medida do possível relembrar detalhes que jamais foram do conhecimento dos torcedores e que, somente agora, são revelados.

Procurando ser fiel aos depoimentos prestados, elaboramos esta obra, que, acreditamos, seja válida.

A HISTORIA DOS 7x0 deve ser lida por todos os desportistas, indistintamente, e guardada para as gerações futuras, que, por certo, pretenderão ler algo sobre os 7x0.

Não poderia deixar de agradecer a boa vontade do industrial e alvi-azul Raimundo Leocilo B. Cunha, o Leo, que nos abriu as portas de seu bem equipado parque gráfico, facilitando ao máximo este empreendimento e tornando-o realidade.

Boa leitura

Belém, 7/7/1977

JB Ferreira da Costa

Súmula dos 7x0

PAISSANDU, 7 x REMO, 0

Data 22 de julho de 1945

Representante da FPD: Tenente Euclides Rodrigues (Júlio Cesar E. Clube)

Campo: Antônio Baena (Remo)

Juiz: Alberto Monard da Gama Malcher

Bandeirinhas: Antônio Francisco Monteiro e Madson Leite Vasconcelos

Renda: Cr\$ 25.000,00

Caráter: 1o Turno do Campeonato Paraense de Futebol da 1a Divisão de 1945

PAISSANDU: Palmério; Izan e Athenagoras; Mariano, Manoel Pedro e Nascimento; Arleto, Hélio, Guimarães, Farias e Soiá.

REMO: Tico-Tico; Jesus e Expedito; Mariosinho, Rubens e Vicente; Monard, Jiju, Jango, Capi e Boro.

1o TEMPO: Paissandu, 1 x 0 – Hélio, aos 37 minutos

2o TEMPO: Paissandu, 2 x 0 – Farias, a 1 minuto;

Paissandu, 3 x 0 – Soiá, aos 4 minutos;

Paissandu, 4 x 0 – Soiá, aos 9 minutos;

Paissandu, 5 x 0 – Soiá, aos 20 minutos;

Paissandu, 6 x 0 – Hélio, aos 24 minutos;

Paissandu, 7 x 0 – Nascimento, aos 44 minutos.

ANORMALIDADE: Expulsos Arleto e Vicente, aos 43 minutos do 1o Tempo

OBSERVAÇÃO: Com esse resultado, o Paissandu abriu caminho para a conquista do Tetracampeonato, ficando assim a classificação:

1o Lugar: Paissandu, 2 jogos, 4 pontos ganhos e 0 p.p.;

2o Lugar: Tuna, 1 jogo, 2 pontos ganhos e 0 p.p.;

3o Lugar: Remo, 1 jogo, 0 ponto ganho e 2 p.p.

A Vanguarda, 23/07/1945:

Alvi-azuis deram “baile com música e tudo”

Quem apreciou a peleja de ontem desde o seus primeiros minutos há de ter notado o fracasso absoluto, total, decepcionante, que constituiu a esquadra do Remo no segundo período, após ter realizado um promissor primeiro tempo, dando sérios trabalhos à defesa do Paysandu para com a ausência de um só elemento de maneira envergonhante, humilhando-se frente ao seu adversário de entrega todos os tempos, o Paysandu.

O marcador final não diz absolutamente o que foi o primeiro período de luta, quando escoou-se o tempo com uma bola apenas de diferença e destacava-se no conjunto dos times que iríamos assistir um belo espetáculo futebolístico, que, se não mostrasse técnica, apresentava pelo menos vibração e entusiasmo.

Tal não se deu, entretanto. O Remo, com um “buraco” na linha média resultante da saída de Vicente, entregou-se logo nos primeiros minutos do segundo tempo. E a turma da Curuzu não conversou. Tirou partido da situação, como outro qualquer faria. Meteu gol, e muito. Depois procurou debochar, humilhando ainda mais o time de Antônio Baena que deixou-se abater por alto escore, numa verdadeira debacle para todo onze.

APRECIACAO DA LUTA

Quando Malcher deu início ao prélio, os quadros procuraram a se empregar de maneira admirável. Com técnica restrita, mas com disposição de pelo menos, fazer a demonstração de fibra. O Remo passou a fazer pressão séria. Forte. E o arco de Palmério passou por maus bocados, pois, nada menos de 2 escanteios foram dados, seguidos por uns “melés” seríssimos, que quase abriram a contagem. O público azulino passou a vibrar de entusiasmo. Notava-se mais harmonia e mais direção no quadro alvi-azul, mas a gente remista estava possuída de maior vontade. Parece que, não confiando em sua produção física, os atletas remistas davam tudo nos primeiros momentos, para consolidar a vantagem nos minutos primeiros, esquecidos talvez de que o jogo é atuado em 90 minutos...

Entretanto, a pressão do Remo, não dizia nada para o “placard”, pois só uma bola foi atraída ao arco, em arremate de Jiju que bateu na trave lateral.

O quadro alvi-celeste não se entregava, porém. Apesar do embaralhamento de certos elementos da defesa, Izan policiava Jango de maneira espetacular e Nascimento atuava um pouco recuado para auxiliar Athé.

Em 30 minutos de luta, o Remo fez maior pressão, ainda. Atacava em denodo procurando embaralhar os adversários da defesa. Mas, com um arremesso de Farias e Arleto, o ponteiro direito do Paysandu que atuava em forma esplêndida, chamou Expedito e deu alto a Hélio. O centro-

-avante pulou com Jesus no lance. A bola caiu-lhe nos pés e Hélio arrematou rápido sem apelo. Era a abertura da contagem.

Após o lance de Hélio com a partida quase no final do primeiro tempo, Arleto e Vicente trocaram “impressões”. Foi um lance rápido, esse do médio remista e do ponta alvi-azul. Não vimos a razão, pois o jogo se desenvolvia em outra parte do gramado e foi “sururu” sem bola. Nem mesmo Malcher Filho apercebeu-se do incidente, senão depois, quando as autoridades invadiram o campo para conter os dois jogadores. Serenados os ânimos, ambos foram expulsos de campo, já com a primeira parte da pugna em seus minutos finais.

No segundo tempo, o Remo cometeu a pior “gafe” para um quadro futebolístico. Ao invés de cobrir o claro deixado por Vicente na linha média, com qual quer jogador de ataque, persistiu em continuar com dois homens na intermediária e cinco na linha. Se a saída de Vicente iria deixar um autêntico “buraco” técnico, a não inclusão de outro jogador no lugar do excelente médio pôs a defesa andando às tontas, com o barco dando “água” de um lado...

Para o Paysandu, aquilo foi de “colher” naturalmente. E, com apenas 1 minuto de jogo, Farias aumentou a contagem. Mais tarde, passados uns cinco minutos, outro tento do Paysandu. Era a consolidação da vitória. Passaram os alvi-azuis a dar “baile”. “Baile com música e tudo”, como se diz na gíria. Todos os ataques pela direita com Farias fazendo de extrema e meia. Expedito parou. Era impossível atuar sozinho, mormente tendo em vista que o grande zagueiro ressentiu-se da atuação de Jesus. Foi uma debacle do Remo. O Paysandu passou a dominar o seu antagonista, não procurando encurralá-lo mas abrindo o jogo para mais se fazer sentir o “claro” da defesa azul escura. E com isso, veio o quarto tento, o quinto, o sexto, o sétimo, feito por Nascimento após fintar três adversários dentro da área.

Ninguém mais se entendia no quadro remista. Tontos, completamente tontos, os atletas da camisola azul-marinho.

Marcou a peleja de ontem, não só uma decepcionante atuação dos azulinos, mas, também, o maior escore até hoje verificado na história do “Clássico dos Clássicos”. 7x0 foi muito, não há dúvida. Mas, acontece que o Paysandu tirou partido da situação. E, o valor do quadro da camisa bicolor que ontem reabilitou-se amplamente no conceito de seus inúmeros admiradores. Foi uma autêntica goleada. Mesmo sem um futebol cem por cento, o Paysandu levou a melhor de maneira a não deixar dúvidas.

Com a vitória de ontem, o Paysandu deu mais um passo à campanha do tetra-campeonato paraense de futebol.

OS QUADROS

O time do Paysandu está fazendo a defesa cerrada. Mesmo ainda nos primeiros passos, o quadro campeão já demonstra melhor produção do que nos dois jogos atrás. Nota-se uma defesa mais homogênea, e um ataque pecando em certos momentos pelo “catedratismo”, mas positivo e capaz de grandes arrancadas. Palmério, ontem, não teve trabalho. Mas no primeiro tempo em que predominou forte pressão azulina, o goleiro do “Papão” não teve oportunidade de se exhibir. Izan fez a maior partida em toda sua vida futebolística. Anulou Jango, não dando oportunidade ao comandante remista de fazer um só arremesso.

A linha média, homogênea. Na turma da vanguarda, sobressaíram todos, inclusive Hélio, voltando à forma aos poucos. Arleto estava em dia de gala. Guimarães foi o cérebro do ataque.

O time do Remo pecou por apresentar Mariozinho e Rubens na linha intermediária. O primeiro, um médio de poucos recursos e o segundo, ainda fora de forma física. Caindo de produção

no segundo tempo, Rubens comprometeu. Tico-Tico falhou em inúmeros lances. A zaga, fraca. Na vanguarda do Remo, apenas Capi dava combate e Monard demonstrava boa vontade. O resto nulo. Jango comprometeu.

A ARBITRAGEM DE MALCHER

Malcher atuou bem, ontem. Não foi culpado do incidente Vicente/Arleto. Malcher procurou evitar o jogo violento e conseguiu de certa maneira. Teve algumas falhas, mas que não tiveram influência no marcador final e nem no cômputo geral de sua arbitragem, que foi honesta e criteriosa.

Folha Vespertina, 23/07/1945:

Sob a amargura de sete bolas a zero o esquadrão azul deixou ontem o gramado

Mais um Remo x Paissandu de fraco panorama o de ontem, e, por cima, agravado pela cena de dois atletas, que não souberam controlar nervos. Tais excessos são comuns em futebol e comuns são já, também, as censuras de quantos exigem disciplina individual como subsídio precioso do brilhantismo de partidas.

Arleto e Vicente não perceberam, no momento, que se echavam em jogo interesses de seus clubes, especialmente o médio azulino, cuja ausência, por ser ele elemento de defesa, prejudicou lastimavelmente o onze, a ponto de se não mais os dez integrantes durante a etapa complementar da peleja, capitulando em sete bolas, algumas destas encaminhadas pelo setor desguarnecido.

Sob a amargura desse volume, inadmissível em batalhas do maior clássico da Cidade, a representação do Clube do Remo deixou a grama, talvez verberando a ação do médio irrefletido.

A saída de Arleto, se quebrou algo o ritmo do ataque alvi-azul, foi menos comprometedora, porque a turma campeã não teve de recorrer à medida do deslocamento para cobrir claro em seus setores recuados. Estes permaneceram completos e, coisa interessante, o rendimento da ofensiva melhorou. Conseqüência daquele detalhe ingrato para as cores do Remo.

LIGEIRA APRECIÇÃO SOBRE O EMPREGO DOS GRUPOS

Em rigor, não houve futebol à altura do cartaz de azulinos e alvi-azuis. Fraquíssimo o que ambos ofereceram, de rebatidas e permutas altas, sem harmonia, absolutamente, de linhas.

O Paissandu iniciou a contenda com severa marcação-vigilância que produziu sobretudo nas extremas, sem que Monard e Boró compreendessem a tática. Enquanto isso, o Remo “abria” perigosamente para os ponteiros, vendo-se Arleto e Soiá à vontade nas incursões.

O couro cruzava em frente da balisa, desaproveitado, como desaproveitado pelos azues nos envios, aliás alguns até bons, que se fizeram.

Coube a Hélio movimentar o marcador num desses assédios pela extrema. Aproveitou bem a jogada e completou-a de maneira espetacular, não perdendo a calma, para a improvisação, que produziu resultado prático.

Vale salientar que o centro-avante do Paissandu reapareceu ontem tecnicamente melhorado. Foi dinâmico, disputando e distribuindo com precisão.

A segunda fase caracterizou-se inicialmente por fragorosa queda do esquadrão azulino, que se não pode recompor. Desarticulada a linha média e bloqueado o reduto, de preferência pela direita alvi-azul, que não tinha obstáculos a vencer, Tico Tico se viu numa situação crítica. Capitulou em bolas que exigiam de sua parte mais decisão, ora por displicência ora pelo receio de não as alcançar, mas o fato é que teve de suportar quase sozinho o ímpeto do trio central avançado do Paissandu, quando o assalto não era de Soiá, a quem Mariozinho facilitou a construção de uma belo cartaz no início do campeonato.

A esquadra alvi-azul teve na sua linha intermediária ponto alto, tendo sido Manuel Pedro o combatente de maior apuro técnico.

Com o resultado de ontem, colocaram-se os bicolores na ponta da tabela, para o compromisso de maior responsabilidade que é o jogo com a Tuna.

ARBITRAGEM DE MALCHER

Malcher dirigiu bem a contenda dos “grandes”. Escapou-lhe apenas um impedimento.

Foi enérgico, tendo percebido de começo a tendência dos atletas para a atuação carregada. Daí, as suas repetidas marcações e as advertências que dirigiu a Nascimento e a Mariano.

O incidente que determinou a expulsão de Arleto e Vicente ocorreu longe de suas vistas, no lado apostado ao que se achava o árbitro, acompanhando o jogo.

CAMPO CHEIO E RENDA GORDA

A tarde futebolística, produziu, calculadamente, vinte e dois mil cruzeiros, não se conhecendo ainda o montante da venda de ingresso no único posto em que foram colocados bilhetes.

O Estádio estava repleto, não tendo sido fácil o trânsito entre as arquibancadas e o gradil. Ótimo aspecto do campo, contrastando com o aspecto das equipes.

COMO ALINHARAM OS ESQUADRÕES À TARDE

Paissandu: Palmério; Izan e Athé; Mariano, Manuel Pedro e Nascimento; Arleto, Farias, Hélio, Guimarães e Soiá.

Remo: Tico-Tico; Jesus e Expedito; Mariozinho, Rubens e Vicente; Monard, Gengibre, Jango, Capi e Boró.

INICIO DO CLASSICO

Após ouvirem advertências de Malcher e das autoridades policiais, no centro do gramado, os quadros alinharam para o esperado clássico.

Às 16:20, a bola é movimentada por Hélio, que vai até a frente da área azul. Falta de Soiá em Mariozinho. Tico-Tico apára um “bico” fraco de Farias. A “artilharia” bicolor localiza-se em frente ao arco adversário e Farias arremata violento para fora.

ESCANTEIO CONTRA O PAISSANDU

Boró vai pela ponta, ilude Mariano e, acossado por Izan, procura finalizar sem resultado. Entra Athé e leva a melhor sobre Monard, mas o couro vai para sua própria linha de fundo. Cobrado o canto, Mariozinho concede toque.

Voltam à carga os azuis. Há confusão perto do arco do Paissandu e a bola vai para escanteio, que é batido mal.

BOLA NA TRAVE

O Remo persiste na ofensiva e Jango, servido dentro da área, cede a Gengibre e este, à frente da méta, atira no canto contrário onde estava Palmério, mas o couro bate no poste lateral e volta, par ser aliviado.

Tiro de Farias, que passa raspando o arco de Tico-Tico.

Defesa de Palmério, numa virada de longe de Rubens.

Arleto foge e passa a Hélio. O centro-avante listrado vira-se e estende em direção ao arco. Tico-Tico defende, mas larga, e Guimarães não alcança porque vem muito adiantado. Boa intervenção do goleiro azul, num ataque de Hélio.

AGORA É A TRAVE REMISTA QUE DEFENDE

Arleto escapa, vence Expedito e entrega a Hélio. Este controla e atira, mas o couro bate na trave horizontal, depois de ter vencido Tico-Tico defesa do arqueiro local. Hélio atirou duas vezes seguidas, mas Tico-Tico deteve com firmeza o couro. Jogo no campo do Remo e Expedito corta com mão. O zagueiro Izan, ao cortar um centro de Mariozinho, quase põe a bola nas suas próprias redes, atrapalhando Palmério, que se havia deslocado. Dos males, o menor. O zagueiro escanteou apenas, e o canto é batido sem resultado. Virada de Boró muito alta. Falta de Manuel Pedro em Gengibre. Bola na altura da linha média do Paissandu. Rubens serve mal seus companheiros e o “pivot” visitante intercepta.

Boró dança e passa a Jango que estava impedido, mas o juiz marca falta de Izan no atacante remista. Jesus cobra para fora. O ponteiro azul estabelece, novamente, pânico na área bicolor e Manuel Pedro corta de qualquer maneira para a frente. Guimarães anula boa jogada de Arleto. Arremate de Farias sem direção. Tico-Tico defende uma escapada perigosa de Soiá

HÉLIO MARCA O PRIMEIRO TENTO DA TARDE

Às 16:57, Arleto vai pela extrema e entrega a Hélio. O comandante do ataque campeão, assediado por Jesus, desvia para o pé direito e atira no ângulo direito.

Saida do Remo. A bola vai para o terreno dos alvi-azuis.

ARLETO E VICENTE AGARRAM-SE

Quando o jogo estava localizado na ala direita do campo do Paissandu, o médio azulino e o ponteiro direito bicolor, do outro lado, engalfinharam-se em luta corporal. A preparação foi rápida, de maneira que poucos podem explicar a origem do “frevo”. A Polícia entra no gramado, a fim de acalmar os valentes, que foram expulsos da grama, pelo juiz.

Ambos foram, porém, detidos... Arleto saiu com o rosto sangrando.

A partida é recomeçada. Depois de alguns minutos mais, termina a primeira tapa e os grupos se retiram para o descanso regulamentar.

TURMAS DESFALCADAS PARA O FINAL

Em virtude das expulsões, as duas turmas terão de jogar, cada uma, com dez homens. Se o futebol do primeiro tempo não foi nada recomendável, o do segundo, com aquela agravante, será pior...

A ETAPA COMPLEMENTAR

Saída pelos locais. Jango enfia a Capi, que perde para Manuel Pedro.

FARIAS COM UM MINUTO, ASSINALA O SEGUNDO TENTO DOS LISTRADOS

O meia-direita bicolor fecha acompanhando uma jogada da esquerda. Dentro da área azul recebe e, escorado por um dos zagueiros, atira rasteiro, vencendo a perícia de Tico-Tico.

Os azulinos movimentam. Monard cabeceia para fora num passe de seu médio Guimarães leva a melhor sobre Rubens e dá a Soiá. O ponteiro bicolor fecha, finta Jesus e Tico-Tico, às 17:23 para marcar o

TERCEIRO TENTO DO PAISSANDU

Jango movimenta. Expedito procura levar seu grupo a ataque, mas Mariano desafoga. Izan evita Jango e manda para a frente.

Guimarães controla, balança o corpo num desvio inteligente e dá uma boa enfiada, um presente a Soiá. Corre o ponteiro visitante e manda o couro às redes. Era o

QUARTO PONTO BICOLOR

O Remo com a saída de Vicente, desorganizou-se completamente dando ensejo a que o Paissandu ande à vontade. Apenas Expedito procura defender e atacar ao mesmo tempo, mas uma andorinha só... Faz pena ver como está atuando o esquadrão azul.

Falta de Mariano em Boró. Athé rebate em direção do canto do campo. Izan manda para a rua.

SOIÁ, NOVO TENTO

Jesus, zagueiro azulino, e Soiá, atacante canhoto bicolor, disputam. O zagueiro na ânsia de deixar a bola sair pela sua linha de fundo, descuida-se. Soiá, depois de escapar sozinho, marca o quinto tento dos visitantes. Nova saída do Remo. Jango não consegue passar por Izan e Athê.

O SEXTO PONTO BICOLOR

O meia-direita do Paissandu no centro do campo, enfia Hélio, e este, em plena corrida, com o pé esquerdo, decreta, mais uma vez, a queda do onze azul.

Bola no centro do campo. Saida pelos azuis. Os alvi-azuis voltam ao ataque. Farias arremessa para as nuvens. Boró avança com o couro e recebe falta de Manuel Pedro. A penalidade é batida para fora.

Ofensiva azulina. Gengibre nada resolve. Capi recolhe e entrega mal a Boró.

Centro de Soiá. O goleiro azulino defende por alto. Falta contra o Paissandu, cobrada de longe muito alto. Expedito, que parece perder o interesse pela partida, intervém agora, quando Hélio ia finalizar à meta.

Escanteio contra o Remo, Farias bate alto e Nascimento manda forte para a linha de fundo azulina.

Os locais fazem pressão pelo centro e Gengibre arremata rasteiro, para Palmério encaixar com facilidade. Falta de Boró em Izam. O Remo volta à ofensiva, mas o zagueiro direito bicolor detém o balão, mandando à frente

BOM CHUTE

Soiá vem num passe de Hélio e desfere violento tiro, que Tico-Tico, com dificuldade desvia para escanteio. Cobrada, a bola vai para fora. Gengibre procura “brechar”, mas atrapalha-se e Nascimento corta. Boró recebe “sola” do médio esquerdo alvi-azul. O juiz pune.

NASCIMENTO MARCA O SÉTIMO TENTO

O médio listrado controla, progride no terreno adversario, invade a área, manda violento, marcando o último tento da tarde.

O couro vai para o canto do gramado. O tempo porém, está esgotado a a banca apita.

Paissandu, 7 x Remo, 0.

Nota do autor: Gengibre é o mesmo Jju.

MOVIMENTO TÉCNICO

	Paysandu	Remo
Pontos	7	0
Penaltis	0	0
Faltas	20	15
Toques	10	10
Escanteios	6	6
Defesas	15	15
Impedimentos	0	0
Expulsos	1	1
Bolas na Trave	1	1

O Estado do Pará, 24/07/1945:

Acontece que isto é verdade: O Paissandu, por sete bolas a zero, esmaga inapelavelmente o velho Leão Azul...

Bem poucas vezes temos assistido no futebol paraense um resultado tão decepcionante como o de ante-ontem, em que o Paissandu derrotou fragorosamente o seu velho adversário, o Clube do Remo. O escore de sete bolas a zero indica a debacle remista. Um escore que há de ficar perpetuado nos anais gloriosos da vida do alvi-azul, e constituirá uma eterna desolação, igual à noite sombria dos condenados, entre os que vivem preso à flâmula azulina.

Com efeito, o resultado foi surpreendente. Ninguém o esperava, muito principalmente o Paissandu, de vez que a constituição de sua equipe não correspondia plenamente às aspirações de seus torcedores. Enquanto isso, o Remo que ainda não encontrou remédio para estirpar de uma vez por todas os seus males que se vem tornando crônicos, levava para campo a grata esperança de uma reabilitação que se vinha anunciando com os resultados promissores em recentes encontros.

Dessa maneira, tudo era provável, a vitória de um ou de outro, mas ninguém acreditava que esta se verificasse em condições excepcionais.

Foi humilhante para os foros esportivos do grande Clube que tudo faz para soerguer-se, mas que, por mau destino, tudo conspira contra os seus desígnios. O Remo não poderia perder de uma maneira tão desmoralizante. O público que enchia o Estádio compreendeu isso, entre o delírio dos torcedores tri-campeão e a dolorosa surpresa dos que ali foram cientes de que o velho Leão Azul teria a juba erguida e invencível.

Não houve esmagadora superioridade técnica do Paissandu. E isso se constata pelo resultado verificado nos primeiros quarenta minutos de luta. O Remo teve mais sólida atuação que o seu antagonista e até nos primeiros quinze minutos o envolveu de maneira eficaz, e de tal forma que a todo momento se aguardava a queda da cidadela de Palmério. Mas o Paissandu, que tomou o pulso do seu rival e trá-lo há alguns anos subjulgado às suas imposições, resistiu o quanto pode, para ainda resolver favoravelmente os seus instantes críticos, marcando a sua primeira bola, através de Hélio.

Dai há pouco começa a via crucis do Remo. Um incidente deplorável entre Arleto, do Paissandu, e Vicente, do Remo, leva o juiz de campo os dois insubordinados. Quem lucrou com a história, foi acertadamente o esquadrão do Paissandu, porque o seu prejuízo técnico foi menor, se olharmos o confronto dos dois jogadores. Daí por diante, o Remo quase desaparece da luta. E que, por inépcia ou estratégia ou por um descontrole injustificável, o capitão azulino não preencheu o claro com a saída de Vicente, no equilíbrio à sua defesa, mas conservou a linha atacante intacta, que se tornou inútil para maiores ofensivas, pelo prejuízo da equipe, que não poderia atacar eficientemente por falta de apoio da defesa e fazendo com que esta ficasse impraticável para resistir às cargas rivais. Certamente a direção azul apegou-se à divisa que “a melhor defesa é o ataque”...

Foram essas as razões que na realidade arrastaram o Remo à uma derrota que ninguém esquecerá. Esta poderia se realizar em condições menos desoladoras e razoáveis, mesmo porque o espírito de combatividade do Paissandu continua íntegro e a desafiar o inexplicável ostracismo azul.

Adiante-se como justificativa do escandaloso escore a ausência nas redes azulas de um arqueiro à altura das suas responsabilidades. Tico-Tico é um jogador de fibra moderada e capaz de assistir maiores desastres sem ter ânimo para uma reação que o momento requer. Quatro bolas ele as recebeu com calma mussulmânica, sem ao menos se atrever a perguntar-lhes a razão daquela ironia.

O Paissandu continua a liderar a eficiência futebolística regional. Firmou-se de tal maneira como a melhor equipe destes últimos anos, que a fé que o acompanha é como uma bandeira sagrada que envolve todas as aspirações de qualquer falange idealista. É um clube que sofreu muito nos seus primeiros anos de vida. Enfrentou o imperialismo remista que chegou a ser uma ortodoxia para a a Cidade. Tudo lhe era uma tarefa árdua e que levaria qualquer um a desânimo irrecorrível. Encontrou, porém, um grupo de abnegados e fanáticos que tomou a si o encargo de se multiplicar e nunca se dividir na defesa dos interesses sociais. E vai avançando sem denunciar fadigas e sem sem ainda manifestar o tédio pelas suas repetidas horas triunfais. O Paissandu de ontem, com Suíço, é o mesmo Paissandu de hoje, com um Manoel Pedro. O Paissandu que Hugo Leão fundou, numa tarde silenciosa da Vila Amazônia é igual ao que hoje o espírito sereno, leal e devotado de Francisco Aguiar orienta com superior visão e com fibra de um velho lutador.

Por isso que o Paissandu continua campeão...

Agora, passamos a apreciar como atuaram os bandos. Tico-Tico já dissemos acima como foi sua exibição. Com saltos espetaculares e estudiosos, o goleiro azul não compreendeu que seu “calcanhar de Aquiles” foi justamente o ponto em que a dianteira rival se aproveitou com seus envios rasteiros... A zaga dos azulinos, depois da saída de Coelho, ainda não se armou convenientemente porque Jesus, apesar de esforçado e resoluto não é o companheiro para Expedito, que fica preo fazer com uma possível falha do “colored”. Expedito, ante-ontem, não pode fazer mais do que fez. Vicente foi uma grande brecha que se abriu com sua saída, pois Expedito não estava, pela sua posição e pela agressividade do rival, em condições para suprir as faltas ocasionadas pelo claro da linha média. Mas foi aquele Expedito que decidiu em horas críticas críticas para sua área.

Mariosinho não foi um homem que pudesse conter a ala esquerda dos alvi-azuis, porque é afoito e sem qualidades técnicas para um jogo de responsabilidade. Com isso e com a ausência de Vicente, Rubens não soube se nem ter calma suficiente para dirigir bem os seus avançados, as raras bolas que lhes iam aos pés. Vicente, durante o tempo em que atuou, não conseguiu marcar Arleto, pois preocupou-se muito com a alimentação do ataque, deixando solto o extrema do time tri-campeão.

Monard fez uma boa estréia oficial. Decidido, malicioso, ocasionou situações difíceis para os rivais, sem que as mesmas fossem aproveitadas pelos seus companheiros. Jiju foi uma estréia precipitada da direção do Remo. Parece que egresso há uma semana apenas do Paissandu, ainda não estava ambientado convenientemente para se fazer valer do valor técnico para sobrepujar o abalo moral de ter que jogar contra o Clube a quem já deu tantos triunfos. Assim, nada produziu, a não ser um tiro perigoso dado na primeira fase que após vencer o goleiro Palmério, chocou-se no poste direito da meta do Paissandu.

Ante-ontem foi um dia negro para Jango. O oportunista centro-avante do Leão Azul não teve a menor oportunidade para desferir um daqueles seus traiçoeiros tiros porque Isan não lhe permitia jogar. E Jango colocou toda sua fibra moça a favor de seu grêmio sem que de nada lhe valesse esse elogiável esforço.

Afinal, temos a destacar no Clube do Remo a dedicação de Capi e Boró. Desapoiados com a falta de um médio, procurando ajudar sua defesa, essa ala foi de abnegação a toda prova. Momentos houve em que Boró driblou toda a defesa do campeão indo parar na outra extrema do campo. A muitos isso pode parecer que seria um descontrole do extrema esquerda remista, porém, não pensamos que isso não seja mais do que uma vontade férrea de aliviar de menos um “goal” o elevado placar contra seu grêmio. Graças a esses dois elementos, o Remo, como todo o marcador desfavorável, ainda foi à frente por diversas vezes, não conseguindo realizar seu desideratum porque o destacamento recuado do adversário estava bem fortificado e desferiu-lhe logo um contra-ataque de proporções desagradáveis.

O Paissandu apresentou Palmério num dia de indecisão, logo nos primeiros minutos, preocupado, naturalmente, com as últimas exhibições de Jango. Entretanto, isso tudo mudou após a grande vitória que esboçou no início da segunda fase. Aí então não teve dificuldade. Isan foi um grande defesa do Paissandu; vem melhorando dia para dia, abandonando aquele jogo espetacular em favor de um jogo mais eficiente. Athê não disse para que esteve em campo, constituindo-se num elemento fraco. O ponto alto alvi-azul residiu na sua linha média, apesar de Mariano se apresentar num declínio horrível, mas com Manoel Pedro desempenhando um grande trabalho. Nascimento não repetiu suas atuações anteriores e ante-ontem foi atabalhoado, violento e desrespeitoso para com o juiz, todas as vezes que este lhe chamava a atenção pelo jogo carregado. Mesmo assim, produziu bastante, consignando o último ponto de suas cores, numa jogada inteligente. Arleto, enquanto esteve no gramado, atuou bem, centrando completamente solto, tornando-se um perigo para a defesa do Remo. Farias foi a alma do ataque do tri-campeão. Defendeu e atacou com rara galhardia, sendo o autor intelectual da maioria dos pontos de seu quadro. Deve-se ajuntar, entretanto, que essa atuação foi decorrente da ausência de um médio que marcasse, pois ficou com um bom pedaço de campo a seu dispor, onde recebia a pelota e distribuía com maestria. Hélio, como sempre, aproveitou com superioridade todas as deficiências de seus adversários. Guimarães teve uma atuação discreta, apesar de proveitosa para sua equipe. Soiá é que começou bem, embora ainda não estivesse à altura de um Jaime. Porém, é inteligente, de um chute forte e com centros calculados. Foi o “escorer” da tarde e isso deve ao trabalho fraquíssimo de Mariosinho que não o deteve em nenhuma ocasião.

O juiz Malcher Filho confirmou o conceito em que é tido pelo público. Aliás, não não teve dificuldade para essa partida. A expulsão de Arleto e Vicente não pode suscitar o menor comentário de algum torcedor apaixonado, pois foi evidente a indisciplina de ambos os quais já estavam apartados pelos policiais quando Malcher Filho teve conhecimento do incidente. Foi enérgico, reprimindo o jogo violento.

PAISSANDU: Palmério; Isan e Athê; Mariano, Manoel Pedro e Nascimento. Arleto, Hélio, Guimarães, Farias e Soiá.

REMO: Tico-Tico; Jesus e Expedito: Mariosinho, Rubens e Vicente; Monard. Jiju, Jango, Capi e Boró

PROGRESSAO DO MARCADOR

1º Ponto - Aos trinta e cinco minutos da primeira fase, há uma confusão na meta remista. Guimarães chuta e a pelota é rebatida para Hélio se aproveitar e consignar o tento.

2º Ponto - Não havia decorrido um minuto da fase complementar e a bola vai a Soiá, ao lado da grande área, que chuta recuado. Farias recebe e manda rasteiro no canto esquerdo de Tico-Tico que não consegue deter.

3º Ponto - Três minutos após esse tento, Farias estende a Guimarães que por sua vez, enfia a Soiá. Este dribla dois defesas azuis e invade a área. O goleiro remista atira-se aos seus pés e Soiá, calmamente, desvia para o arco desguarnecido.

4º Ponto - A pelota vai até quase a linha de fundo do clube do Remo onde soia e Jesus disputam o couro. Jesus atrapalha-se e o extrema bicolor fecha para a meta e desfere à queima-roupa um poderoso tiro, fazendo o quarto goal do Paissandu.

5º Ponto - Farias dá para Hélio na extrema-esquerda. Este devolve e çar cruza para a área. Há da zaga azulina encaixa, fazendo ba mais uma vez as redes confiadas a Tico-Tico.

6º Ponto - Farias enfia a que engana perseguido defesa Inesperadamente, Expedito e foge em esquerdo surpreendendo em mais um goal.

7º Ponto - Já ao terminar, recebe fora da área, finta Jesus Expedito e cara a cara com o goleiro do Remo estoura para o sétimo e última ponto do tri-campeão.

Em breve a versão completa
com 90 páginas.

AGUARDE!